

A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE PARA PENSAR A MICRO-HISTÓRIA NAS AULAS DE HISTÓRIA

João Pedro Pereira Rocha¹

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de apresentar algumas reflexões acerca de uma perspectiva que entende a micro-história como campo de reflexão para professores de história no contexto do processo de ensino aprendizagem. Para tanto, elege-se a literatura como fonte para construção das análises e com objetivo de pontuar algumas questões entendidas como pertinentes para o ensino da História e para os desafios que se colocam para a comunidade escolar e a sociedade em geral. Optando por esse curso metodológico, as reflexões estarão debruçadas sobre a obra *O Cortiço*, do escritor brasileiro Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo.

Palavras-chave: História. Micro-História. Ensino de História. Literatura.

Recebido em 30 de julho de 2018 e aprovado para publicação em 30 de dezembro de 2018

¹Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Correo eletrônico: joaopedrojp56@gmail.com.

Introdução

O Ensino de História pode ser entendido como campo de pesquisa já estabelecido, sobretudo mediante o elevado grau de produção de materiais científicos diversos e que tratam de pensar a atuação do conhecimento histórico no espaço escolar. Revistas conceituadas no meio acadêmico, eventos nacionais e internacionais, são alguns dos veículos responsáveis pela produção e disseminação de reflexões em torno da História ensinada. Essas reflexões constroem espaços por meio dos quais é possível pensar a prática docente em relação à historiografia. Nesse sentido é ponto comum, em perspectiva de discussão, pensar/repensar o espaço da historiografia na construção do planejamento por professores da Educação Básica.

O texto que apresentamos é fruto de pesquisa que se encontra em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em História, Nível Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. A pesquisa em questão pensa fazer uma análise de obras do escritor brasileiro Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913) como forma de problematizar as concepções de racismo e cidadania no contexto da disciplina história. Assim, apresentamos uma discussão acerca de um ponto que surgiu em meio ao desenvolvimento da pesquisa e que neste momento manifesta-se pelo objetivo de pensar a presença da “micro-história” no ensino de história e tendo a literatura como fonte de reflexão, mais precisamente por meio do romance *O Cortiço*.²

O curso metodológico, e visando atender o objetivo deste trabalho, pauta-se em dois momentos. Procuramos construir uma discussão em torno da aproximação entre história, literatura e ensino, evocando alguns autores/pensadores que discutem a relação entre esses três campos que entendemos como fundamentais para o andamento da pesquisa e a compreensão das ideias apresentadas no presente texto. Em seguida, tomando a literatura como fonte, construímos uma reflexão que aponta a importância da corrente historiográfica entendida por “micro-história” para a historiografia e para a prática no ensino da História.

História, Ensino e Literatura

No século XX a historiografia passou por mudanças significativas, alterando as concepções de tempo e de fonte históricas, bem como o modo como os historiadores dialogavam com o passado. Já nas primeiras décadas (1920-1960) os Annales trataram

² AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 28ª Ed. São Paulo: FTD, 1995.

de combater a história-narrativa em favor da história problema e estrutural. A crítica recaía sobre um modelo de História imutável, factual e homogênea. Com a história-problema “(...) o historiador dos Annales reconhece a indeterminação de seu objeto, a temporalidade, e não pretende mais contar o que de fato aconteceu”.³ Assim as raízes historiográficas de fins do século XIX são modificadas e os campos de possibilidades se ampliaram na medida em que as críticas apontavam novas formas de observar o passado. No espaço dessas mudanças as fontes documentais são ampliadas e/ou ganham novas leituras, assim, a literatura aparece no horizonte de pesquisadores como um caminho frutífero para interpretações históricas.

Em relação ao trabalho de pesquisa histórica que usa a literatura como fonte de estudo, pesquisadores sublinham os ganhos para o conhecimento histórico quando há a construção do diálogo entre História e Literatura. Joan Pagès Blanch⁴ aponta para projeções interpretativas advindas da micro-história social, da história da vida material e das mentalidades, possíveis através da literatura. Para Antonio Candido⁵, a impressão do escrito prefigura um olhar investigativo de mundo, no qual, obra e autor, irradiam estética e crítica. Roger Chartier⁶ sugere uma aproximação com o texto, sem, contudo, criar balizas invariantes e universais de análises. Assim, a literatura apresenta-se como caminho positivo sobre o qual, historiadores, seguindo critérios específicos, podem fazer uso diverso desse tipo de fonte.

Em um contexto de métodos que aponta para o ofício do historiador, a relação entre história e literatura esteve marcada pela dualidade entre a pretensão pela verdade (história) e preocupação com o ficcional (literatura). O rompimento da dicotomia entre História e Literatura foi possível a partir da renovação pela qual passou a História Cultural e esteve personificada em nomes como Michel de Certeau. Em *História e psicanálise: entre ciência e ficção* Certeau esforça-se em construir caminhos que, entre outras, aproxima história e literatura, chamando a atenção para o trabalho com o documento, assim: “com o aparato da crítica dos documentos, o erudito retira o erro das ‘fábulas’: ao diagnosticar o que é falso ele ganha terreno em relação a estas”.⁷

³ REIS, José Carlos. A história-problema e estrutural dos Annales: a ruptura entre tempo e narrativa histórica. In: REIS, José Carlos. *Teoria & história: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 105.

⁴BLANCH, Joan Pagès. As fontes literárias no ensino de história. *OPSI*, Catalão, v. 13, n. 1, p. 36, jan./jun. 2013.

⁵ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

⁶ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2. Ed. Portugal: Difel, 1988.

⁷ CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise, entre ciência e ficção*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira, 2. Ed. Belho Horizonte: Autêntica, 2012, p. 45.

O pesquisador também aponta para o teor do discurso, uma vez que: “ao vislumbrar a relação do discurso com quem o produz [...] é possível considerar a historiografia como uma mistura de ciência e ficção, ou como um lugar que se reintroduz o tempo”.⁸ Reflexões assim foram/são significativas para trabalhos que sublinham o papel da literatura na construção do conhecimento histórico nos diversos espaços.

Em se tratando dos espaços de produção, reprodução, difusão e assimilação do conhecimento histórico, o espaço escolar configura-se como um desses lugares onde a práxis profissional deve configurar-se a partir de determinada ótica historiográfica. Estando o aprendizado histórico ligado à capacidade dos sujeitos em fazer uso de interpretações históricas na orientação para a vida prática⁹, no espaço da sala de aula esse processo passa pela preocupação em tornar o passado inteligível. Assim, professores de história podem recorrer às reflexões e constantes atualizações que chegam à historiografia, como forma de aprimorar a práxis profissional, sobremaneira no que tange as metodologias de ensino aprendizagem.

Uma vez destinada ao espaço escolar, à literatura significa importante veículo no estudo do passado. A justificativa está representada no pensamento de Sandra Jatahy Pesavento: “Ela [a literatura] dá a ver sensibilidades, perfis, valores”.¹⁰ Ainda segundo a autora, a literatura permite um contato com o clima de uma época, fala de expectativas pessoais, o que guiava os olhares em determinado período.¹¹ Nesse contexto, Selva Guimarães Fonseca¹² e Circe Bittencourt¹³ apontam ganhos para o ensino de história quando autores/obras são observados como sujeitos/objetos de seu tempo, com impressões de mundo que correspondem suas épocas. Esses dados representam instrumentos que auxiliam interpretações históricas em sala de aula. Assim:

Para a História, esse referencial [a relação dialógica] torna possível analisar textos literários como documentos de época, cujos autores (os criadores das obras) pertencem a determinado contexto histórico e são portadores de uma cultura expostas em suas criações seguidores de determinada corrente artística e representantes de seu tempo.¹⁴

⁸ Idem, p. 48.

⁹ RÜSEN, Jörn. Didática: Funções do Saber Histórico. In: _____. *História Viva: Teoria da História III – formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução Estevão Rezende Martins. Brasília: Ed. da UnB, 2007, p. 110.

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, campos temáticos e fontes: uma aventura da História. In: _____. *História & História Cultural*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 82.

¹¹ Ibidem, p. 82.

¹² GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de história*. Campinas, SP: Papiros, 2003.

¹³ BITTENCOURT, C. M. Usos didáticos de documentos. In: _____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 325-338.

¹⁴ Ibidem, p. 324.

Em sintonia com essa perspectiva, acerca da relação história e literatura, a historiadora Selva Guimarães Fonseca¹⁵ aponta para o fato de a literatura assinalar para planos que não se concretizaram, possibilidades que não vingaram. Essa aproximação mostra-se positiva para o ensino de história, uma vez que, “nos diversos níveis e graus de ensino é possível desenvolver trabalhos interdisciplinares de história e literatura adequados ao universo da criança e adolescentes sobre diversos temas e problemas”.¹⁶ Com isso, e no rol das possibilidades interdisciplinares, apresentam-se, para professores de história, caminhos de abordagens críticas de determinados conteúdos apontando para múltiplas formas de atuação do homem no passado.

Observando o fato de ensinar ser uma ação histórica, por si mesma, colocar o sujeito-estudante em contato com o saber histórico pode ser um ato que encontra na literatura documento fundamental ao incentivar a leitura, a imaginação e a construção crítica da visão de mundo. Se a literatura favorece um ensino de história pautado em temas e problemas, sobretudo aqueles que dizem respeito ao universo discente, ela corrobora no enfrentamento de problemáticas da sociedade brasileira. Nesse contexto, o de levar em consideração questões pertinentes a realidade social, vale destacar o ponto central em nosso estudo: a perspectiva historiográfica que orienta a práxis docente.

O tratamento dado ao conhecimento histórico em sala de aula é responsável pelo modo como a historiografia é assimilada, ou não, e em graus variados no ambiente escolar. Observando o papel da disciplina história no processo de formação dos estudantes, é possível indicar que essa ação em muito depende do modo como é construído o diálogo e a aproximação entre o ambiente escolar (a práxis docente) e o conhecimento produzido pela academia. Essa aproximação pode ser conflituosa e fazer perpetuar uma histórica distância entre Academia e Escola, mas também pode ser harmônica, fazendo chegar à sala de aula a diversidade das reflexões históricas construídas pelas várias vertentes historiográficas. Assim, o professor de história pode, em seu critério de escolha, fazer uso de perspectivas científicas do conhecimento histórico que auxiliam na (re)construção de um conhecimento que, entre outras, dê conta de responder as demandas levantadas pela sociedade.

Literatura, ensino da História e historiografia: a micro-história e a prática docente

¹⁵ GUIMARÃES, op. cit., 2003.

¹⁶ Ibidem, p. 166.

Em se tratando da prática docente em sala de aula algumas variáveis podem ser utilizadas para construção de debates e reflexões em torno do modo como opera o processo de ensino aprendizagem. No caso particular da disciplina história, uma análise sobre a perspectiva historiográfica serve para balizar o modo como o conhecimento histórico é processado na Educação Básica, mas também, e caso isso aconteça, permite uma aproximação maior das inovações implantadas pela ciência histórica. Essa discussão torna-se ainda mais oportuna quando percebemos a presença de determinadas linguagens em sala de aula, bem como os objetivos e resultados esperados em tal processo.

A apresentação de determinado conhecimento histórico em sala de aula é fator determinante na (re)construção da visão que os diversos sujeitos (estudantes, pais) obtêm acerca da história. É nesse sentido que os olhares podem, ou não, caminhar em sintonia com uma perspectiva tradicional (positivista) de uma história linear e atrelada a fatos e sem análises críticas. Herança do século XIX, essa visão de história, ocupa o imaginário de muitos sujeitos quando chamados a falar sobre o passado, tornando-se assunto relevante e preocupante para propostas que pensam o ensino de história a partir de perspectivas historiográficas atuais. Sobre essa questão é importante destacar:

No que concerne à difusão, o peso da tradicional historiografia e a concepção de história de pais, alunos e muitos professores – identificada, muitas vezes, apenas com grandes feitos dos heróis – dificultam a incorporação de novos campos temáticos, de novos problemas e fontes, como postulam as novas concepções historiográficas. Uma única história pode se impor.¹⁷

Assim, e como aponta a pesquisadora, a concepção historiográfica ocupa espaço significativo no modo como a História ganha forma e é assimilada no ambiente escolar. É na esteira dessa questão, e a partir de alguns questionamentos que centralizaremos esse nosso segundo momento e em diálogo com o objetivo desta proposta. Qual(ais) perspectiva(s) historiográfica(s) pode(m) ser utilizada(s) em sala de aula? Qual(ais) a(s) justificativa(s)? Sobre qual(ais) circunstância(s)? As reflexões acerca dessas indagações serão construídas a partir da eleição da literatura como fonte de análise.

Michel de Certeau, em *A escrita da História*, observa os caminhos da construção do conhecimento historiográficos, da historiografia em seus aspectos de saber científico, calcada em métodos próprios. Para Certeau esses métodos dialogam com um espaço

¹⁷ Ibidem, p. 46.

social e configura o perfil da pesquisa historiográfica¹⁸. Essa é uma questão que nos ajuda a pensar a prática da pesquisa e do ensino em história, bem como as escolhas que os sujeitos pesquisadores fazem em relação a determinado tema ou problema de investigação. Essas escolhas orientam as possibilidades de inserção de determinadas escolas historiográficas no ambiente escolar, aproximando os espaços da produção e circulação de conhecimento histórico.

A presença de uma dada perspectiva historiográfica na disciplina história está determinada, sobretudo, mas não apenas, pela temática que se pretende trabalhar em sala de aula. Nesse sentido é importante frisar a, mesmo que reduzida, liberdade que o professor de história tem ao construir seu planejamento. Nesse contexto, tendo em vista uma reflexão que pensa a prática docente, de modo a não cairmos em divagações puramente imaginadas, destacaremos alguns dos dizeres presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM).¹⁹ Assim, é interessante observarmos uma citação presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais e que aponta para o modo como a pesquisa histórica tem ocorrido:

A pesquisa histórica esforça-se atualmente por situar as articulações entre a micro e a macro-história, buscando nas singularidades dos acontecimentos as generalizações necessárias para a compreensão do processo histórico. Na articulação do singular e do geral recuperam-se as formas diversas de registro e ações humanas tanto nos espaços considerados tradicionalmente os de poder, como o do Estado e das instituições oficiais, quanto nos espaços privados das fábricas e oficinas, das casas e das ruas, das festas e sublevações, das guerras entre as nações e dos conflitos diários para a sobrevivência, das mentalidades em suas permanências de valores e crenças e das transformações advindas com a modernidade da vida urbana em seu aparato tecnológico.²⁰

As perspectivas da macro e micro-história correspondem, pois, a caminhos sobre os quais a investigação pode debruçar-se no sentido de observar em detalhes as experiências humanas no passado e em múltiplos contextos. Esse posicionamento aproxima-se das últimas “reformas” percebidas em fins do século XX pela historiografia ocidental. Aspectos da vida coletiva, como festas e costumes, o cotidiano e as ideias, são alguns dos aspectos que corroboraram para os novos postulados historiográficos. Tais questões, estando colocadas por um documento que tem em sua base a orientação de práticas didático-pedagógicas, apontam para um caminho que pensa o ensino da

¹⁸ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65.

¹⁹ BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) – Parte IV: Ciências Humanas e Suas Tecnologias*, 2000, p. 21-30. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2018.

²⁰ *Ibidem*, p. 300.

História em sintonia com a historiografia recente algo que busca romper com o tradicionalismo na disciplina história. Essa postura interessa para pensarmos o primeiro questionamento levantado, sobre qual perspectiva historiográfica utilizar em sala de aula. Nesse contexto, tratamos de nos deter sobre a micro-história como subcampo de investigação científica para pensarmos sua aproximação com o ensino de história a partir de uma dada fonte, a literatura.

A historiografia de cunho tradicional tem como característica primária a negação de determinados sujeitos em suas narrativas. A perspectiva histórica dita positivista é quase sempre lembrada por eliminar de seus discursos os diversos sujeitos que compõem as tramas históricas, reduzindo ou centralizando suas preocupações em algumas figuras políticas e/ou militares. As consequências dessa questão para uma “imagem da História” é a de um quadro no qual poucos são os merecedores de registro. Essa questão, criticada desde a Escola dos Annales, nos anos 1930, vem sendo refutada por investigações que apontam para necessidade de ampliar os horizontes da pesquisa histórica. Nesse sentido, a micro-história somou esforço no sentido de observar, de forma reduzida, experiências de pessoas simples, em contextos aparentemente sem importância. Para Giovanni Levi “O princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados”.²¹ Assim, a pesquisa história, nesse sentido, inovaria com uma técnica mais acurada em busca de detalhes que as investigações anteriores não foram capazes de captar.

Estando a reflexão historiográfica localizada no espaço escolar devemos pensar a presença e justificativa da micro-história nas instituições de ensino em que o conhecimento histórico circula. Para tanto retornamos aos textos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e das Orientações. Em meio a uma discussão acerca das competências esperadas por meio do ensino da História, o documento das Orientações faz a seguinte referência sobre o quê se espera do estudante:

Construir o conhecimento sobre si mesmo e sobre o outro por meio do reconhecimento de diferenças e semelhanças, e mudanças e permanências nas variadas formas de relações entre as pessoas e os grupos sociais, nos círculos próximos de sua convivência e em épocas e lugares distantes. O aluno começa a situar suas próprias experiências, seus valores e suas práticas cotidianas em relação às problemáticas mais amplas e abrangentes vivenciadas pelos grupos contemporâneos e pelos grupos que viveram em épocas passadas, reconhecendo-se, simultaneamente como sujeito de sua história pessoal e participante da história do seu tempo.²²

²¹ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKER, Peter (org.) *A Escrita a história: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 139.

²² BRASIL, op. cit., 25.

É clara a preocupação do texto com propostas de ensino-aprendizagem que permitam ao estudante identificar valores de oposição inerentes às experiências históricas, sem, contudo, eleger superiores e inferiores. Soma-se a essa questão a possibilidade de uma identificação pessoal, na qual o estudante possa vir a construir sentidos em relação a sua trajetória e a dos sujeitos do passado, reconhecendo-se como agente histórico.

Sendo o espaço escolar lugar por meio do qual teoria e prática devem estar próximas e envolvidas, é correto afirmar que uma postura docente referida na micro-história contribuí com o aspecto da criação, no estudante, de uma consciência crítica sobre a experiência histórica das sociedades. Para a historiografia uma investigação no âmbito da micro-história caminha no sentido de um olhar sobre o social e sobre pontos elencados como necessários para uma investigação profunda, sem, contudo, se desprender de um contexto maior que age e molda aquilo que até então seria um “detalhe”. Giovanni Levi faz uma descrição interessante sobre a micro-história na pesquisa histórica.

A abordagem micro-histórica dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado, através de vários indícios, sinais e sintomas. Esse é um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como um caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico.²³

Diálogo profícuo e bastante relevante para a historiografia fora construído por Carlo Ginzburg²⁴, que trata, entre outras, dos indícios, sinais e sintomas apontados por Levi. Ambos os pensadores se refugiam no aspecto micro da investigação histórica. A medida microscópica é o agente pelo qual as interpretações dos acontecimentos enxergam em detalhes até então não observados, indícios decisivos no desenvolvimento de determinado fato em particular.

Essa categoria de investigação (micro) pensada para a campo da historiografia rendeu, entre outros, trabalhos expressivos, como *O Queijo e os Vermes*²⁵ de Carlo Ginzburg que, ao investigar documentos inquisitoriais acabou por revelar o modo como a prática e a circularidade da leitura agiram no pensamento popular medieval. Em seu

²³ LEVI, op. cit., p. 154.

²⁴ GINZBURG, Carlo. *O fio e os Rastros: verdadeiro, falso e fictício*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁵ _____. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido peça Inquisição*. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

estudo Ginzburg trata de fazer uma análise minuciosa acerca do cotidiano e do pensamento de um camponês de modo a construir uma narrativa sobre a história a partir de um aspecto pouco representado pela literatura de até então: a leitura e sua vinculação entre camadas populares. A dimensão da microanálise aparece então como um caminho que pode converter a pesquisa histórica em resultados inesperados, ou com pouca aproximação às hipóteses levantadas. Essa questão aponta para a construção e reflexão acerca das possibilidades para a investigação histórica nos diversos espaços de circulação de conhecimento histórico, a exemplo do espaço escolar. Nesse ponto faz-se necessária a seguinte interrogativa: como essa questão pode ser pensada para o contexto da sala de aula? Para refletirmos sobre essa indagação lançamos uso de uma análise que elege a literatura como fonte de discussão, especificamente uma aproximação com a obra *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo.

O Cortiço teve sua primeira impressão no ano de 1890, sendo responsável por fixar o escritor Aluísio de Azevedo com um dos grandes nomes da literatura brasileira. O romance em questão pode ser entendido como uma das obras mais conhecidas, havendo escrito outros romances como *O Mulato* (1881) e *Casa de Pensão* (1884). Seu autor, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913) é reconhecido por ter inserido os primeiros traços da escola naturalista, construída pela literatura europeia francesa, entre os séculos XVIII e XIX, na literatura nacional, rompendo com a escola romântica e fundando o movimento literário naturalismo no Brasil.

Em uma narrativa crítica sobre a sociedade da então Capital Federal, à época, Aluísio de Azevedo constrói uma representação sobre a vida cotidiana de sujeitos simples, personagens que em meio a uma trama fictícia deixam perceber modos de vidas que são conduzidos ou influenciados pelo ambiente social. Com esse estilo, e sobre uma ótica social, que corrobora com a perspectiva naturalista de o homem ser fruto do meio, o autor faz do personagem central da trama, não o homem, mas o meio, o cortiço. Seguindo o perfil naturalista na construção da obra, os personagens permitem ao leitor relacionar o espaço com comportamentos, relacionamentos e conflitos identificados como “naturais” a seres humanos postos em determinadas condições/situações. O que prescreve a narrativa literária em *O Cortiço* é o detalhamento das condições postas e impostas aos seres humanos, ou a um grupo de excluídos no jogo dos direitos mínimos ao desenvolvimento social saudável. No curso dos detalhes, o autor caminha pelo aspecto psicológico dos personagens, pelas histórias individuais e coletivas, pelo meio urbano e suas problemáticas históricas. Assim, o meio age no comportamento dos indivíduos, mas não o faz na totalidade, faz nos detalhes

que cada personagem dentro de sua personalidade e especificidade expõe. São esses detalhes que merecem atenção quando do trato com a perspectiva micro histórica em sala de aula.

Em texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio o documento chama atenção para o papel do professor de história frente à ação que identifica e seleciona conteúdos entendidos como fundamentais na formação dos estudantes, sobretudo na perspectiva da cidadania. Assim, o documento sugere:

A compreensão de cidadania em uma perspectiva histórica, como resultado de lutas, confrontos e negociações, e constituída por intermédio de conquistas sociais de direitos, pode servir como referência para a organização dos conteúdos da disciplina histórica.²⁶

Essa questão, acerca da orientação sobre a cidadania como construção histórica, deve ser colocada em reflexão por professores de história, podendo ser feito a partir de *O Cortiço*. Destacamos essa questão por ela desembocar em uma perspectiva de ensino a partir de um tema e não do livro didático ou outro suporte. Nesse contexto, poderão ser pensadas estratégias que, por exemplo, levem em consideração questões colocadas pelo presente para pensar a época que o romance foi escrito, a segunda metade do século XIX.

Partir de uma proposta que pensa o viés temático em análises e reflexões construídas em torno do processo de ensino aprendizagem em história nos remete a um ponto importante em relação ao aspecto da fonte em questão: o romance como produto de época. Publicado em 1890, *O Cortiço* carrega consigo reflexos das transformações que ocorriam na então capital federal²⁷ e de alguns acontecimentos do contexto histórico: Abolição da Escravidão (1888) e a fundação da República (1889), por exemplo. Assim, ressaltamos o aspecto do “romance-documento” em sala de aula, e com isso, enfatizamos sobre a necessidade do diálogo com outras expressões artísticas ou não, e que deixaram vestígios sobre a trajetória pela qual passou a cidadania no Brasil. Circe Bittencourt²⁸, ao destacar os ganhos para o ensino de história com a inserção do documento em sala de aula, assinala para necessidade de saber conduzir ações de modo a problematizar o documento em sala de aula e em sintonia com os objetivos construídos pela comunidade escolar.

²⁶ BRASIL, op. cit., p. 24.

²⁷ A cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal de 1763 a 1960, a partir da segunda metade do século XIX experimentou mudanças significativas e que tinham o objetivo de modernizar a cidade promovendo mudanças urbanísticas de ordem estética, viária e sanitária.

²⁸ BITTENCOURT, op. cit., p. 326.

Diante da importância da cidadania, e dos elementos que lhe fazem referência, quando da formação da sociedade brasileira, cabe ressaltar questões específicas que emergem do romance *O Cortiço* e as aproximações com o ensino da História. Maria Auxiliadora Schmidt identifica o conceito como sendo fundamental para construção de sentidos e orientação no tempo, algo que se pensou para o ambiente escolar, aproxima-se das perspectivas de compreensão e crítica do passado.²⁹ A pesquisadora também recomenda a necessidade de sublinhar, em sala de aula, o caráter histórico dos conceitos, situando-os nas esferas das mudanças, permanências e rupturas que são tão inerentes aos processos de transformação que passam as sociedades. Esse pensamento poderá ser pensado a partir dos usos da obra *O Cortiço* nas aulas de história quando a abordagem procura centralizar o estágio de desenvolvimento da cidadania no Brasil do contexto da obra, a segunda metade do século XIX.

A postura frente a problemáticas fundamentalmente sociais permitiu a Aluísio de Azevedo estabelecer-se como importante escritor com a publicação de *O Cortiço*. O cenário é a capital, Rio de Janeiro, o Império em seus últimos anos apresenta-se na diversidade de personagens: trabalhadores simples, imigrantes, negros, prostitutas, homossexuais, mas o personagem principal da obra é o conjunto de casebres que formam um cenário de degradação humana, o cortiço. Na tentativa de aproximar-se da crítica social que chega pelos detalhes da obra, o professor poderá fazer uso de um fragmento sobre o qual pode surgir uma série de questões reflexivas, e que podem estar em diálogo com o universo de vivência do estudante:

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas uma infinidade de portas e janelas alinhadas. [...] As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem trêguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas. [...] Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulhavam os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.³⁰

O cenário envolve tramas, desejos, intrigas, conflitos e sentimentos que caracterizaram, na ficção, o cotidiano de zonas marginais da capital federal no oitocentos. O cotidiano do povo, das classes desfavorecidas, ganha representação nas linhas de Aluísio Azevedo, ao tempo que sugere o estágio da cidadania no Brasil. Assim,

²⁹ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Construindo conceitos no ensino de história: "a captura lógica" da realidade social. *Hist. Ensino*, Londrina, v. 5, p. 147-163, out. 1999.

³⁰ AZEVEDO, op. cit., p. 38-39.

aproximamos nossa reflexão de uma concepção de cidadania na qual ela, enquanto construção histórica representa a configuração política e social de pessoas simples, comuns. Esses sujeitos podem facilmente serem marginalizados do processo de ensino aprendizagem em história tendo, em vista práticas de ensino ainda tradicionais, aliadas às limitações diversas de materiais didáticos. Nesse sentido, a literatura apresenta-se como veículo para atividades que, usando da interdisciplinaridade, explorem perspectivas do convívio e respeito para com as diferenças, e abordem “questões interligadas aos problemas familiares, afetivos e socioculturais que compõem as alteridades identitárias no ambiente escolar”.³¹ Com isso, o diálogo entre literatura e história concretiza experiências didáticas voltadas para reflexão acerca de questões que permeiam as experiências de vida dos estudantes. Por meio dessa ação é possível construir em sala de aula discussões em torno do preconceito racial e social, da luta pela construção e seguridade dos direitos civis, sociais e políticos.

Uma vez que a micro-história vale-se de análises reduzidas, com vistas a estudar o comportamento de comunidades e indivíduos, ela permite observar temas aparentemente banais, envolvendo pessoas comuns em microcontextos específicos.³² É o microcontexto, portanto, uma dimensão importante e que sublinha a relação autor, obra e contexto. Visualizamos melhor essa questão quando observamos a escola literária que obra e autor estão vinculados, pois, “Para Aluísio, como para Zola, a influência do meio, no sentido amplo, era determinante”.³³ Assim, a representação do cortiço como lugar de moradia para gente humilde da então capital federal pode ser levada em consideração em abordagens sobre a moradia no espaço urbano e seu grau de relação com os direitos sociais. Essa perspectiva para o ensino também coloca em destaque e ao alcance dos estudantes as mudanças gestadas no contexto histórico, a exemplo da política de modernização na cidade do Rio de Janeiro. A proposta de modernizar a cidade fazia parte do empreendimento que pensava uma série de mudanças no espaço urbano, como a criação de novos bairros, a expansão de serviços de esgoto, água canalizada e transporte coletivo nas principais cidades do país. No centro do Rio de Janeiro, por exemplo, habitações, consideradas irregulares, foram desapropriadas e

³¹ CARVALHO, Joice Anne. RIGHI, K. S. Cortiço-Favela: Uma Leitura Histórico Literária sobre a Marginalização Social Brasileira In: *XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH: Conhecimento histórico e diálogo social*. Natal, RN, 2013, p. 11. ISBN 978-85-98711-11-9. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364758068_ARQUIVO_artigoanpuhjoicekarina.pdf. Acesso em: 07 jan. 2019.

³² VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 77.

³³ MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio de Azevedo: vida e obra (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris; Brasília: INL, 1988, p. 555.

construções coletivas demolidas para dar espaços às novas construções e avenidas que seriam os símbolos da modernização republicana. Os moradores que não se adaptavam aos novos padrões econômicos de moradia na região central da cidade acabaram por buscar residência em zonas periféricas. O projeto de modernização expôs “claramente na paisagem a desigualdade social que antes se entremeava no tecido urbano”³⁴. Essa questão possibilita, em sala de aula, uma aproximação de fatores históricos responsáveis por mudanças nas paisagens e pela inclusão/exclusão de indivíduos em processos radicais de transformação urbana.

Sem pretensões de construir um manual para professores de história, seguimos com os apontamentos acerca das possibilidades da micro-história, por meio da literatura, para o ensino da História. Na perspectiva de articular obra e contexto histórico, é possível aproximar *O Cortiço* da conjuntura econômica do Brasil em fins do século XIX. O período em questão é marcado pelo fim do regime escravagista e consequente transição de mão de obra escrava para a assalariada. Nesse sentido, é possível uma problematização desse esquema de modo a, em sala de aula, apresentar algumas especificidades desse processo. Faz-se necessário a construção de quadros pelos quais o estudante perceba que a transição entre os modos de produções citados não ocorreu de forma espontânea, mas de acordo a especificidades históricas, dentro de um processo de mudança gradual. Nesse contexto, e por meio da história do personagem João Romão é possível analisar sua ascensão econômico-social. Para tanto, é interessante uma reflexão sobre a esfera econômica levantada em *O Capital*.

121

A lenda teológica conta-nos que o homem foi condenado a comer o pão com o suor de seu rosto. Mas a lenda econômica explica-nos o motivo por que existem pessoas que escapam a esse mandamento divino. Aconteceu que a elite foi acumulando riquezas, e a população vadia ficou finalmente sem ter outra coisa para vender além da própria pele. Temos aí o pecado original da economia. Por causa dele, a grande massa é pobre e, apesar de se esfalfar, só tem para vender a própria força de trabalho, enquanto cresce continuamente a riqueza de poucos.³⁵

Como vemos, no capitalismo, a estrutura que permite a ascensão econômica de um indivíduo condena o/os outro/outros a um caminho oposto. No enredo da obra essa questão está fixada, entre outros exemplos, na relação entre os personagens João Romão e Bertoleza, estando caracterizado por uma gama de especificidades pelas quais, ao

³⁴ VAZ, L. F. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro. *Análise Social*, vol. XXIX (127), p. 595, 1994. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122337718716iYL2uw3Xe43QN7.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2019.

³⁵ Marx, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, livro 1, vol. 2, p. 827.

leitor, é possível perceber o modo como o desenvolvimento de um sujeito está relacionado a uma série de fatores, inclusive a crimes e exploração. A história de vida do personagem João Romão é um importante quadro acerca do modo como a acumulação de riqueza pode ocorrer no processo histórico. Essas questões, para a sala de aula, contribuem no sentido de apresentar o modo como às relações socioeconômicas acontecem na História e agem sobre as vidas de sujeitos comuns, e que contribuíram para o desenvolvimento da História Nacional, em um contexto histórico específico.

Sobre o papel do ensino de história e suas implicações em torno da construção da cidadania no Brasil a pesquisadora Selva Guimarães Fonseca demonstra o modo como uma abordagem da história sem as devidas observações impede que olhares tradicionais sobre a história, sobre sujeitos e suas ações no tempo, sejam ultrapassados. Seria, pois, a perpetuação de um modelo tradicional, excludente, de uma história feita por poucos, sem sentido e significado real para uma clientela marcada pela diversidade social e cultural.³⁶

No sentido de romper com essa perspectiva de observação das experiências históricas, a micro-história representa caminho de possibilidades fecundas, uma vez que não apenas identifica sujeitos excluídos/marginalizados, mas vai além, em dimensões profundas da existência humana, identificando seus desejos, lutas, sonhos, medos, tristezas, anseios, alegrias e frustrações. Esses, que são elementos do comportamento humano, são gerados nas relações sociais e oferecem aos envolvidos com a análise do conhecimento histórico a oportunidade de perceber a complexidade das experiências históricas no tempo.

Considerações Finais

O contexto da sala de aula no século XXI apresenta para a Educação uma série de desafios, muitos com raízes profundas na sociedade, uma vez que é a escola uma extensão da sociedade. Esses desafios quase sempre estão associados a problemáticas sobre as quais a instituição escolar deve estar atenta. Nesse sentido, há um papel fundamental das disciplinas escolares no jogo da criação de estratégias que representem instrumentos pelos quais os estudantes se identifiquem como agentes sociais e históricos. Nesse contexto, pensar importância de refletirmos sobre um determinado posicionamento historiográfico é de suma importância uma vez que ele que determina entre outras, o(s) objetivo(s) de uma aula.

³⁶ GUIMARÃES, op. cit., p. 90.

Como fora possível assinalar, a presença da historiografia na prática docente representa um ganho fundamental para o conhecimento histórico. Por um lado, na medida em que professores se aproximam das escolas de pensamento histórico, e as implicações adjacentes à questão, começam a perceber a necessidade de romper com um modelo hegemônico e ainda presente em sala de aula, falamos do ensino dito “tradicional”. Ao desprender esforços para pensar a historiografia o professor de história pode fazer uso da micro-história e de elementos que lhe são inerentes, a exemplo da escala de investigação. A investigação dirá sobre o olhar de cada professor e, caso opte por esse caminho, encontrará fonte fecunda em *O Cortiço* para, entre outras questões, discutir a presença da cidadania na sociedade brasileira e toda uma série de questões que permeiam o amplo significado do termo, mas que na obra diz mais vivamente a respeito da negação dos direitos. Essa discussão poderá ser contemplada a partir, e não apenas, dos aspectos psicológicos presente nos personagens e o modo como eles impactam na ficção. Enfim, para o ensino da História, olhar os personagens de *O Cortiço* sobre as lentes da micro-história, é um exercício que oferece aos sujeitos envolvidos com o processo de ensino aprendizagem a possibilidade de perceber a complexa forma pela qual as relações sociais, econômicas e políticas constituíram e constituem-se, ao tempo que obedecem a uma multiplicidade de fatores que habitam no meio ao qual o sujeito está inserido. Cabe, em sala de aula, desvendar os graus de influências possíveis, ontem e hoje.